

NÃO É ARTE! QUEM DISSE? O EXPERIENCIAR DOS PROFESSORES.

FABRÍCIO TORCHELSEN BASSI¹; NAUITA MARTINS MEIRELES²; LUCÉLIA GONÇALVES DA SILVA³; NEY ROBERTO VÁTTIMO BRUCK⁴

¹Centro de Artes - UFPEL – fabricao@bassi.pro.br

²Centro de Artes - UFPEL – nauita.meireles@hotmail.com

³Centro de Artes - UFPEL – lusilva_85@hotmail.com

⁴Centro de Artes - UFPEL – neybruck@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o intuito de apresentar a pluralidade de experiências/conceitos sobre arte dentro de um grupo de professores vinculados ao Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas. Ele é baseado no projeto “**Não é arte! Quem disse?**” que é vinculado à disciplina Filosofia Arte e Educação (Turma 2015/1) do curso de Pós Graduação em Artes da Universidade Federal de Pelotas, do qual faço parte. O projeto se desenvolve através das múltiplas interpretações encontradas na sociedade sobre a prática da arte e visa à construção de um trabalho coletivo poético (teórico-prático) utilizando dos relatos coletados sobre experiências de profissionais do meio artístico acadêmico e leigos transeuntes da cidade de Pelotas. Pretende-se assim investigar as várias possibilidades de experiências com arte em diversos nichos da sociedade, percebendo como se estabelece essas relações e como contribuem para a forma como ela é percebida dentro e fora da galeria. Como já mencionei, aqui utilizarei as experiências relatadas somente pelo primeiro grupo, os professores vinculados a os cursos do Centro de Artes. Saliento que para esse trabalho o foco é na visão particular de cada entrevistado.

Importante salientar que o intuito é atender a pluralidade de experiências e conceitos sobre arte na contemporaneidade, fugindo de conceitos fechados e limitados. Tomo como eixo comum entre os relatos a experiência, considerando a arte em três esferas: Fruição, Criação e Ensino. Para contribuir aponto o conceito de BONDÍA (2002) “Se a lógica do experimento produz acordo, consenso ou homogeneidade entre os sujeitos, a lógica da experiência produz diferença, heterogeneidade e pluralidade”.

Conhecendo as divergências sobre o conceito ‘arte’, iniciamos nosso trabalho a partir de três conceitos relevantes de autores e artistas que refletiram sobre tal definição. GOMBRICH (1999), na introdução de seu livro, *Á história da Arte* critica a noção de arte com ‘A’ maiúsculo, com postura circundada por uma atmosfera esnobe, para ele não há uma forma errada de arte e nem uma forma errada de gostar dela. E ainda que “Não existe uma coisa chamada Arte. Só existem artistas.”

Já KAPROW(1973) conhecido com um dos primeiros artistas a produzir Happenings, cunha o termo *Não-arte* e nos apresenta no texto *A Educação do A-Artista* distinções entre a *Não-arte* e a *Arte-arte*. Para o artista *Não-arte* é tudo o que ainda não foi aceito como arte, mas que tenha atraído a atenção de um artista. A *Arte-arte* segundo ele leva a sério a arte, ela aspira mesmo que secretamente a certa rarefação espiritual, a um plano superior.

BOURRIAUD (2009), crítico e teórico da Arte apresenta no texto *Estética Relacional* um glossário com definições sobre diferentes termos, transcreveremos aqui sua definição para o termo *arte*:

1. termo genérico que designa um conjunto de objetos apresentados no âmbito de um relato chamado a *história da Arte*. Esse relato estabelece uma genealogia crítica e problematiza os campos desses objetos através de três subgrupos: pintura, escultura e arquitetura.

2. A palavra “arte” hoje aparece apenas como um resíduo semântico destes relatos. Sua definição mais precisa seria a seguinte: a arte é uma atividade que consiste em produzir relações com o mundo com o auxílio de signos, formas, gestos ou objetos.

Considerando tantas definições existentes sobre o conceito de arte na contemporaneidade, é possível afirmar a complexidade deste tema e, sobretudo definir o que é ou não arte. Diante da abrangência da diversidade de meios e linguagens da arte hoje nos resta à incerteza de definições, e assim se justifica a atenção para as múltiplas visões e experiências que a arte propicia em todos os níveis e nichos da sociedade contemporânea.

Como já salientei anteriormente, todo trabalho se estrutura através das experiências dos entrevistados, ou seja, através do par *arte-experiência* pensaremos a arte contemporânea na sociedade, contribuindo BONDÍA (2002) diz que a experiência é “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. Consideramos a partir disso o entrevistado como “sujeito da experiência”, onde seu relato é a tradução do que o tenha tocado, que tenha o atravessado.

2. METODOLOGIA

O método proposto é a pesquisa qualitativa com coleta de informações através de entrevistas individuais semiestruturadas episódicas, assim como apresenta BAUER, M. W. , GASKELL (2002) “numa entrevista episódica, dá-se especial atenção ao sentido subjetivo expresso no que é contado. A fim de descobrir a relevância subjetiva e social do tema em estudo. A entrevista episódica procura a ‘contextualização’ das experiências e acontecimentos a partir do ponto de vista do entrevistado”.

Para o projeto os grupos selecionados foram professores do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas e transeuntes da região central pelotense, como Praça Coronel Pedro Osório e nos calçadões da Andrade Neves, Sete de Setembro e XV de Novembro. Neste trabalho serão utilizados somente os relatos do primeiro grupo, composto por professores do Centro de Artes.

As entrevistas são guiadas por uma pergunta eixo: **Qual a sua experiência mais significativa com arte?** Estas são gravadas em vídeo, assim mantendo a contextualização e demonstrando a diversidade dos entrevistados.

O material final será visual montado em formato de vídeo com perfil poético e com reflexão sobre os relatos, abrangendo a pluralidade de visões sobre a arte e as inúmeras experiências diante dela.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresento aqui trechos dos relatos dos professores, cada fala é um relato pessoal de experiência vivida, apontadas pelos entrevistados como uma das mais relevantes relacionadas à arte.



O **Professor A** relatou: “(...) foi a primeira Bienal que eu fui (...) tinha uma obra do artista Anish Kapoor, de 1994 (...) e eu lembro que o impacto que aquela obra me causou foi tão grande, mas tão grande, eu vinha entrando nos espaços expositivos e quando eu olhei para a obra (...) tu te debruça e vê a obra lá em baixo, era o Kapoor e a Tomie Ohtake. A Tomie Ohtake com uma estrutura em suspensão e o Kapoor lá em baixo com essa obra de estruturas de metal bastante grandes, circulares, dentro e fora (...) o resto da Bienal eu vi, mas toda hora eu dava uma volta para ver a obra do Kapoor lá em baixo. (...) Mas de alguma forma foi importante porque sempre que lembrar a minha graduação eu vou me lembrar desse momento, acho que foi deflagrador para pensar é isso que eu quero trabalhar, que eu quero analisar, que eu quero fazer, quero ver, porque de certa forma aquilo me foi deflagrador de uma transformação, acho que até na própria formação (...)”. Percebemos que sua experiência se caracteriza principalmente pela estética, com o se deparar com a monumentalidade das obras e o quanto esse momento influenciou sua vida profissional.

O **Professor B** fala que: “(...) a principal experiência que eu tive com arte ou uma das principais até agora foi o contato com o pós-impressionismo (...) sobre tudo Cezanne, para mim é um sujeito singular, na sua produção imagética, pictórica, no sentido de desvelar uma relação da obra com o sujeito que é algo que é muito peculiar ao áudio visual (...) corpo do sujeito frente à obra (...) se produz a partir da relação, e a coisa de como no Cezanne as cores são misturadas a partir do olho da gente (...) empiricamente é algo que me encanta absurdamente, como por exemplo, algo pode ter densidade, uma massa lá de preto que não é tão preto assim pode ter uma densidade para o olho, aquilo pesar para o olho, olhar, enxergar a obra e aquilo apresentar como se fosse um mar profundo, aparentemente superficial mas bastante profundo em suas relações. Então acho que essa foi uma das principais experiências estéticas (...)”. Sua experiência é caracterizada pelo contato com o movimento impressionista e sobre tudo com Paul Cezanne dentro do seu ambiente de trabalho.

Professor C – “(...) que me tocou profundamente foi o falecimento da minha mãe, que assisti a minha mãe falecer na minha frente, aquilo foi, para mim foi uma experiência estética, que foi muito triste, mas isso me tocou profundamente, que é a questão da materialidade, o corpo e o espírito. De tu ver, digamos assim, aquele corpo que fica e algo que se vai e tu olha esse corpo que fica na tua frente, mas ele não tem mais vida. Então é como, talvez uma obra de arte, que se não tem ninguém para olhar ela não existe. Então, digamos aquela obra de arte, ela foi habitar outros lugares, acho que essa é a minha maior experiência”. Diferente das anteriores, aqui o relato não parte de obras de arte, a relação se dá através de um momento singular, a perda de sua mãe, tal acontecimento deflagra a reflexão sobre a materialidade e a essência, uma relação da vida e da arte.

Embora os relatos pertençam a um grupo de profissionais que trabalham em um mesmo local percebemos aqui uma grande diversidade entre suas experiências.

4. CONCLUSÕES

Nesta fase da pesquisa ainda trabalho na análise das entrevistas, embora seja possível perceber de antemão o quão plural podem ser os relatos de experiências e a conceituação de cada um dos entrevistados não apontarei afirmações fechadas, o que também seria contraditório à abordagem estabelecida no tema. Mesmo assim abro questionamentos que me auxiliam e delimitam o processo de análise e também me questiono a que reflexões podem me levar compreende-las.

Será que uma visão mais plural dos “profissionais da arte”, que leve em consideração essa heterogeneidade poderia estreitar a distancia entre a sociedade e as galerias e academias de arte? Será que necessitamos um conceito que defina o que é arte e que assim possamos dizer o que é e o que não é? Penso que talvez na contemporaneidade arte esteja relacionada com a experiência, uso palavras de OSTROWER (1987) para melhor expressar essa visão, segundo ela “o caminho não se compõe de pensamentos, conceitos, teorias, nem de emoções – embora resultado de tudo isso. Engloba, antes, uma série de experimentações e de vivências onde tudo se mistura e se integra e onde a cada passo, a cada configuração que se delineia na mente ou no fazer, o individuo, ao questionar-se se afirma e se recolhe novamente das profundezas de seu ser. O caminho é um caminho de crescimento”, ou seja, mais do que nunca somos norteados pelas experiência, tanto no produzir quanto ao contemplarmos e até mesmo ao ensinarmos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** in Revista Brasileira da Educação. No. 19, Jan/Fev/Mar/Abr, Rio de Janeiro: ANPED, 2002.
- BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional.** São Paulo: Martins, 2009.
- FLICK, Uwe. Entrevista episódica. In: BAUER, M. W. , GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Petrópolis: Vozes; 2002. p. 126
- GOMBRICH, E. H. **A História da Arte.** 16ª edição. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: LTC, 1999.
- KAPROW, Allan. **A educação do a - artista.** In: Malasartes. Rio de Janeiro: n.3, 1973.
- KASTRUP, Virginia. **Pistas do método da cartografia.** Porto Alegre: Sulina, 2009.
- OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação.** Petrópolis: Vozes, 1987.